



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL-NOTURNO

Daniele Begueristain Ramos

**LINGUAGEM NÃO VERBAL EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE
DOWN**

Santa Maria, RS
2018

Daniele Begueristain Ramos

LINGUAGEM NÃO VERBAL EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Especial Noturno - Universidade Federal de Santa Maria- UFSM como requisito para avaliação da disciplina de Desenvolvimento de Pesquisa Profissional.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Glaucimara Pires Oliveira

Santa Maria, RS
2018

Daniele Begueristain Ramos

LINGUAGEM NÃO VERBAL EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Especial Noturno da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, como requisito para avaliação da disciplina de Desenvolvimento de Pesquisa Profissional.

Aprovada em 13 de dezembro de 2018:

**Glau cimara Pires Oliveira, Dra (UFSM)
(Presidente/Orientador)**

Maria Alcione Munhoz, Dra. (UFSM)

Juliana Goelzer, Ms.(UFSM)

Santa Maria, RS,
2018

RESUMO

LINGUAGEM NÃO VERBAL EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

AUTORA: Daniele Begueristain Ramos
ORIENTADORA: Glaucimara Pires Oliveira

Este trabalho é uma investigação apresentada à disciplina de Desenvolvimento de Pesquisa Profissional do Curso de Educação Especial/ CE/UFSM. Tem como objetivo verificar se a estimulação da linguagem não verbal potencializa a aquisição da fala em crianças com Síndrome de Down. A Síndrome de Down é uma alteração genética no cromossoma vinte e um, crianças com estas características apresentam um atraso significativo no desenvolvimento, o que ocorre também com a linguagem oral, necessitando de estimulação a partir de um trabalho orientado e direcionado. A primeira infância é uma etapa de extrema importância no desenvolvimento da criança, em que a linguagem se desenvolve, tanto verbal quanto não verbal. A metodologia embasou-se na pesquisa bibliográfica, a partir de literaturas, que envolvam a, linguagem não verbal, crianças com Síndrome de Down e Educação Infantil. Os resultados sinalizam a estimulação da linguagem não verbal das crianças com Síndrome de Down, auxilia para a aquisição da linguagem verbal, principalmente da fala.

Palavras-chave: Educação Especial. Linguagem não verbal. Síndrome de Down

ABSTRACT

NON-VERBAL LANGUAGE IN CHILDREN WITH DOWN SYNDROME

AUTHOR: Daniele Begueristain Ramos
ADVISOR PROFESSOR: Glaucimara Pires Oliveira

This work is a research presented to the discipline of Professional Research Development of the Special Education Course CE/UFSM. The aim of this study is to verify if non-verbal language stimulation enhances the acquisition of speech in children with Down Syndrome. Down Syndrome is a genetic alteration in chromosome 21, children with these characteristics present a significant delay in development, which also occurs with oral language, requiring stimulation of targeted and focused work. Early childhood is a stage of extreme importance in the development of the child, in which verbal and nonverbal language develops. The methodology was based on bibliographical research, based on literatures, involving non-verbal language, children with Down Syndrome and Early Childhood Education. The results indicate that the stimulation of the nonverbal language of children with Down Syndrome helps in the acquisition of verbal language, especially in speech.

Keywords: Special Education. Nonverbal language. Down syndrome

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. REVISÃO DA LITERATURA	07
2.1 LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	07
2.2 A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN.....	09
2.2.1 Desenvolvimento da linguagem e síndrome de Down	09
2.2.2 A Linguagem Não Verbal	12
2.3 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO DE ESTIMULAÇÃO PARA A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN	13
3. METODOLOGIA	17
4. RESULTADOS	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6. REFERÊNCIAS	20
7. GLOSSÁRIO	21

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa investigar o desenvolvimento da linguagem não verbal em crianças com Síndrome de Down. O tema da pesquisa se originou em decorrência do início do estágio curricular supervisionado do Curso de Educação Especial, realizado em uma Unidade de Educação Infantil. Nas observações surgiram inquietações a respeito do desenvolvimento da linguagem nas crianças com Síndrome de Down, principalmente quanto à comunicação não verbal.

A comunicação é um dos desafios a serem enfrentados pelas crianças com Síndrome de Down, o desenvolvimento da fala, assim como todo processo de comunicação depende de vários fatores orgânicos, ambientais e psicológicos, que se apresentam desde os primeiros dias de vida. Sabe-se que a comunicação não é feita só com palavras, mas também com gestos e expressões, sendo necessária para a criança conseguir interagir com o mundo que está a sua volta. (CAVALHEIRO, SAPELLI, 2001)

Este trabalho tem como discussão a importância da linguagem não verbal no desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down. Assim, a proposta desta investigação apresenta como problematização: *a linguagem não verbal potencializa a aquisição da fala de criança com Síndrome de Down?*

Como objetivo geral busca verificar se a estimulação da linguagem não verbal potencializa a aquisição da fala em crianças com Síndrome de Down.

Os objetivos específicos:

- Conceituar e caracterizar a linguagem no desenvolvimento da criança;
- Verificar a importância da estimulação no desenvolvimento da linguagem da criança com Síndrome de Down;
- Identificar as características da linguagem não verbal em criança com Síndrome de Down.

Desta forma, a metodologia apresenta-se com uma pesquisa bibliográfica, onde buscou-se literaturas da área e que discutissem sobre Linguagem e Síndrome de Down.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Todos nós aprendemos e utilizamos várias formas de linguagem. Esse aprendizado inicia-se nos primeiros anos do desenvolvimento infantil, onde precisamos encontrar formas de nos comunicarmos com o mundo que nos cerca e precisamos descobrir como nos fazer compreender de alguma forma.

A linguagem é a capacidade humana para compreender e usar um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados, em modalidades diversas para comunicar-se e pensar. Representa um dos aspectos mais importantes a ser desenvolvido por qualquer criança para que possa relacionar-se com as demais pessoas e se integrar no meio social. (SENO, GIACHETI, MORETTI-FERREIRA, 2014, p. 1312)

Utilizamos diferentes formas de linguagens, conforme vamos nos desenvolvendo, esta vai se aprimorando. Antes mesmo de dizer as primeiras palavras, as crianças recém nascidas emitem sons que progridem do choro para arrulhos e balbucios, seguindo para imitação acidental, posteriormente a imitação deliberada, sons estes que constituem a fala pré-linguística.

Estudos sobre Linguagem e Comunicação (CEREJA e MAGALHÃES, 2004) e (SOUSA, LEAL e SENA 2010); apresentam conceitos importantes a partir da linguagem

[...] a linguagem é todo sistema formado por símbolos que permite a comunicação entre os indivíduos”; a linguagem verbal é aquela que tem por unidade a palavra, as linguagens não verbais, têm outros tipos de unidade, como o gesto, os movimentos, a imagem, a nota musical.

Para nos comunicarmos utilizamos estas duas formas de linguagem, não sendo utilizada somente a forma oral para realizá-la. Nosso corpo participa da comunicação, com ele conseguimos nos expressar, nos fazer entender e estabelecer relações.

A linguagem não-verbal configura-se como um meio expressivo de comunicação. O corpo é cheio de significados, sendo este responsável pela relação do indivíduo na sociedade, com eles somos capacitados a perceber e a sentir determinados comportamentos. Quando os indivíduos se comunicam, todo corpo se comunica junto, pois as mensagens da comunicação não-verbal podem demonstrar sentidos peculiares, conforme a mensagem verbal, ou ainda noticiar outras mensagens. (SOUZA, LEAL e SENA 2010)

Quando se trata de linguagem, outra terminologia relacionada é a Comunicação, muitas vezes esta é citada na literatura de forma similar, mas são conceitos diferentes.

De acordo com o DSM 5 (2014) “A comunicação inclui todo comportamento verbal e não verbal que influencia o comportamento, atitudes ou ideias de outro indivíduo”. O mesmo referencial traz a linguagem como a “[...] forma, função e o uso de um sistema convencional de símbolos, com um conjunto de regras para a socialização”.

Assim, nossa comunicação acontece desde os primeiros dias de vida, inicialmente o choro é a principal forma de nos expressarmos e sermos compreendidos, aos poucos vamos nos desenvolvendo e adquirindo outras formas de comunicação, passando de gestos, expressões faciais e corporais, que designam a linguagem não verbal para aquisição da linguagem verbal constituída pela fala.

Como no período de aquisição da linguagem inicial a criança ainda não tem o domínio da linguagem formal, a linguagem não-verbal representa a maior parte de sua comunicação, assumindo a função de complementar a fala da criança para tornar mais claro o que ela quer expressar. (LEIDSON; CAHINO; CARVALHO, 2017)

A criança durante o seu desenvolvimento, busca maneiras de se expressar, antes de começar a falar, o bebê usa a comunicação não-verbal para fazer com que outra pessoa entenda o que ele quer. Assim, a comunicação é essencial para o desenvolvimento do ser humano, e muitas vezes acaba sendo confundida com a fala, por acreditarmos ser a fala o único meio do ser humano de se comunicar.

No recém nascido, o choro aparece como uma das primeiras formas de comunicação, as expressões faciais, a intensidade do choro podem auxiliar a

identificar o que a criança está sentido, se está tranquila ou com fome, se sente dor ou desconforto.

Conforme se desenvolve, a criança nos primeiros meses acaba descobrindo outras maneiras de se comunicar e de se fazer entender, onde os gestos também se apresentam no intuito de mostrar o que querem. A comunicação inicial não é feita com palavras, mas sim com balbucios, expressões e gestos. Desta forma, a interação com a criança, as respostas às ações e aos estímulos dados, podem auxiliar no desenvolvimento da sua comunicação.

As primeiras palavras ocorrem em algum momento por volta dos 10 e 14 meses, inicialmente com um repertório pequeno como “papa, mama”, depois se ampliando para pequenas frases com duas palavras como “boneca cai”. Até a fala propriamente dita que pode ocorrer por volta dos 3 a 4 anos.

Conforme a autora PAPALIA (2000, p.140.) a criança recém nascida é capaz de perceber a fala, chorar e responder de alguma forma ao som, por volta dos três meses ela já brinca com os sons da fala, entre seis e nove meses balbucia seqüências de consoantes e vogais. A partir dos nove meses a criança usa os gestos para se comunicar e brinca com os mesmos, fazendo o uso dos gestos sociais aos dozes meses, as palavras isoladas são ditas no período entre dez e dezoito meses, sua primeira frase (com duas palavras) ocorre até os 24 meses, onde a partir de então começa a usar muitas frases de duas palavras, não balbucia mais e quer conversar. Ao completar 30 meses a criança aprende novas palavras todos os dias, fala combinando três ou mais palavras já compreendendo muito bem. As fases do desenvolvimento da linguagem também estão descritas no Anexo.

2. 2 A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

2.2.1 Desenvolvimento da linguagem e síndrome de Down;

A criança com SD assim como as outras crianças também apresentam diversas fases no desenvolvimento da linguagem, porém, apresentam atrasos significativos na sua aquisição.

Algumas alterações encontradas nos indivíduos com síndrome de Down podem ter impacto na aquisição de desenvolvimento da linguagem tais como: perdas auditivas condutivas recorrentes, dificuldades motoras orofaciais devido à hipotonia característica que se faz presente ao quadro e tendência mais diminuída para memória auditiva. As habilidades comunicativas destas crianças são adquiridas na mesma sequência observada em crianças típicas, porém com defasagens cronológicas e por vezes não completa. (O' TOLLE & CHIAT, 2006, apud MINETTO 2018 p.228)

Pessoas com síndrome de Down possuem em suas células três cópias do cromossomo 21, totalizando 47 cromossomos por célula sendo que o normal seriam 46 cromossomos organizados em 23 pares, provendo metade, ou seja, 23 cromossomos do pai no espermatozoide e outros 23 vindo da mãe no óvulo. (DOMINGUES, 2007)

A partir da união do óvulo e do espermatozoide em condições normais haverá 46 cromossomos na primeira célula, mas contendo o óvulo ou o espermatozoide um cromossomo 21 adicional, causará no momento da concepção a síndrome de Down. (PUESCHEL, 2006 apud DOMINGUES 2007).

Pessoas que possuem Síndrome de Down também apresentam Deficiência Intelectual, que varia de grau leve a moderado, sendo assim, em decorrência deste déficit ocorrem alterações na aquisição da linguagem, tanto expressiva quanto receptiva, o que repercute também na comunicação social. (LEIDSON, I.B.L.; CAHINO, I.D.; CARVALHO, M.2010)

Mesmo com todas as definições clínicas, deve-se reiterar que neste estudo estamos nos referindo primeiramente à pessoas, mais especificamente crianças, que brincam, que tem desejos, que interagem com mundo de forma lúdica, assim como todas as crianças buscando conhecer este mundo, se relacionar e fazer parte dele.

A fala é comumente confundida com a linguagem e tem representação tão importante na nossa sociedade que o indivíduo com dificuldade ou incapacidade do uso do meio verbal é julgado negativamente do ponto de vista cognitivo (REILLY,2004). Isto repercute no desenvolvimento dos indivíduos com Síndrome de Down, propiciando condição as vezes de exclusão e passividade.

Segundo American Speech-Language-Hearing-Association (Asha):

A comunicação caracteriza-se pela capacidade de se manifestar, trocar informações, socializar-se e interagir-se com as outras pessoas, expandir seus conceitos e desenvolver bases para o desenvolvimento da linguagem. A linguagem é um sistema de símbolos que, quando combinados, servem para armazenar e trocar informações. É a capacidade de se comunicar, compreender e ser compreendido, é um vínculo de comunicação e é um instrumento social usado nas interações.

A comunicação ocorre quando nos manifestamos, interagimos com outras pessoas, trocando informações e construindo bases para desenvolver a linguagem que se constitui na capacidade de armazenar, trocar informações, de compreender e ser compreendido.

A fala por sua vez, é a tradução sonora da linguagem e engloba articulação voz e fluência. É a forma mais evidente de expressão da linguagem. A comunicação, fala e linguagem são as principais habilidades a serem desenvolvidas na criança com Síndrome de Down e são as que mais irão demandar tempo no tratamento e maiores intervenções, pois estes indivíduos apresentam déficits significativos nestas áreas(CHAPMAM,1995 apud MINETTO 2018 p. 228).

A forma mais evidente de expressão da linguagem é a fala, que engloba articulação voz e fluência. Nas crianças com Síndrome de Down a comunicação, fala e linguagem, são habilidades que necessitaram de maiores intervenções pois os déficits apresentado por estas crianças são significativos nestas áreas.

Algumas alterações encontradas nos indivíduos com Síndrome de Down apresentam atrasos significativos de linguagem, e esta é a área na qual as crianças apresentam maior atraso (Silva et al.;2010). Apresentam particularidades específicas verificadas quanto à linguagem: atraso substancial na aquisição e desenvolvimento da fala, uso prolongado e atípico dos gestos, alterações no desenvolvimento do vocabulário, dificuldade quanto à sintaxe e desenvolvimento atípico da morfossintaxe (O 'TOOLE & CHIAT,2006 apud MINETTO 2018 p.228).

Devido ao atraso significativo na aquisição da fala apresentado pelas crianças com síndrome de Down, estas acabam fazendo uso prolongado da forma não-verbal, onde utilizam-se de gestos e expressões para se comunicar.

2.2.2 A Linguagem Não Verbal;

As crianças com Síndrome de Down por apresentarem atrasos no desenvolvimento da linguagem verbal, utiliza-se da linguagem não verbal para conseguir se expressar e comunicar, fazendo uso prolongado deste tipo de linguagem através de gestos, expressões:

A linguagem não verbal é um dos meios mais utilizados por crianças com Síndrome de Down devido as grandes dificuldades no uso do meio verbal, pelo atraso na capacidade expressiva da linguagem, como nos casos de presença do verbal, mas com prejuízo da inteligibilidade, pelas características da própria linguagem (O 'TOOLE & CHIAT, 2006 apud MINETTO 2018 p.228).

Normalmente estas crianças preferem os gestos a produção oral, sendo os gestos dêiticos (dar, mostrar, apontar) e os gestos representativos (usar o telefone) produzidos com maior frequência.

Os gestos são definidos como ações produzidas para fins de comunicação e são geralmente realizados usando-se os dedos, mãos e braços, mas podendo incluir também movimentos faciais e corporais (ALMEIDA & LIMONGI, 2010 apud MINETTO 2018 p. 228).

Desta forma ele oportuniza que a criança consiga se referir a um objeto ou pessoa ao qual ainda não consiga expressar verbalmente os seus nomes, e o uso constante dos gestos com o propósitos comunicativos forneceria a criança um meio de aprender e expressar diferentes significados, favorecendo a ampliação do seu vocabulário.

Neste contexto, salienta-se “Os gestos contribuem para o desenvolvimento de símbolos e desbravam o caminho para a linguagem falada” (TOMASELLO, 2003; ARMSTRONG e WILCOUX, 2007 apud MINETTO 2018 p. 228)

Os gestos constituem-se como a primeira ferramenta de comunicação simbólica.

O uso dos gestos tem como objetivo o desenvolvimento da competência comunicativa do seu usuário e é possível que tenha efeitos positivos inclusive na produção oral (MILLAR et al.; 2006 apud 2018 p. 229). [...] Nas últimas décadas, muitos estudos têm investigado o valor preditivo dos gestos, tanto em relações de aspectos lexicais quanto em relação aos aspectos sintáticos da linguagem. As evidências têm mostrado que os gestos funcionam não apenas como elemento de transição entre as ações motoras e a linguagem oral, mas também como facilitador do processo de produção da fala, fornecendo à criança, nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem, recursos cognitivos extras, que permitem representar, comunicar ideias mais complexas enquanto ainda não conseguem fazê-lo exclusivamente por meio da fala (OZÇALISKAN & GOLDIN-MEADOW, 2005 apud p. 229).

Desta forma gestos se apresentam também como facilitadores do processo aquisição da fala, e podem ser utilizados para ajudar a criança a entender e a usar a linguagem falada, funcionando como um auxílio, um apoio e não com um meio de substituir a fala. As interações realizadas em brincadeiras, na fala dirigida, nas expressões emocionais, feitas em relações tanto com a família quanto na escola podem ajudar a potencializar a linguagem.

2.3 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO DE ESTIMULAÇÃO PARA A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, atendendo crianças de zero a três anos nas creches e de quatro e cinco anos em pré-escolas. Tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, é desenvolvida por pessoas com formação na área da Educação Infantil, principalmente profissionais da área da Pedagogia.

Conforme a Resolução 05 do CNE/ CEB de 17/12/2009:

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

A Educação Infantil proporciona à criança oportunidade de compartilhar espaços comuns de interação, de brincadeiras, de fantasias, de troca social e de comunicação, promovendo a ampliação de potencialidades e autonomia, produzindo sentido ao que aprendem por meio das atividades próprias de crianças desta faixa etária.

Conforme a definição das DCNEI, (2010 p. 12) a criança constitui-se como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL (DCNEI) mostram que Proposta pedagógica ou projeto político pedagógico é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escola.

De acordo com as DCNEI (BRASIL2010), para a efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de educação infantil deverão prever condições de trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que segurem:

A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo dissociável ao processo educativo; A indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sócio cultural da criança; A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das suas formas de organização; (BRASIL, 2010, p.19).

Nesta etapa da Educação Infantil, um aspecto importante a ser analisado é sobre a Estimulação Essencial, que pode se apresentar com uma ferramenta importante para auxiliar as crianças com algum tipo de atraso no seu desenvolvimento. Um bom trabalho realizado na educação infantil oportuniza uma melhor aprendizagem e potencializara suas capacidades.

Neste trabalho optou-se por usar o conceito de Estimulação Essencial pois se trata de uma pesquisa bibliográfica que se direcionou e não se teve ao trabalho realizado pela Estimulação Precoce este que se torna mais vasto e multidimensional centrando o trabalho realizado a criança e a sua família.

De acordo com a literatura analisada é na primeira infância¹ que a criança adquire grande parte do seu potencial de desenvolvimento que terá como adulto, tanto nas áreas cognitivas, como socioafetiva e psicomotora, pois nesta fase o cérebro está mais receptivo aos estímulos e para adquirir novas habilidades.

Neste período de desenvolvimento, a estimulação se torna primordial para potencializar suas habilidades, buscar trabalhar suas dificuldades a fim de superá-las oportunizando auxílio no seu desenvolvimento.

Entende-se que estimulação significa proporcionar a criança diversos tipos de oportunidades para experimentar, explorar e brincar com os objetos que estão redor dela e isso inclui movimentos corporais, o uso de todos os sentidos, principalmente a visão, audição e tato (WERNER apud PAINERAS, 2005). Estimular ou intervir é importante para qualquer criança, com ou sem atraso no seu desenvolvimento, pois o atraso pode estar relacionado à carência de estimulação e oportunidades adequadas para a idade e as situações de privação social e sensorial, influência no desenvolvimento da criança (PAINERAS, 2005 apud Cavalheiro e Sapelli, 2001 p.01).

Quanto à criança com algum tipo de atraso no desenvolvimento, a Estimulação Essencial proporciona um incremento na superação destes atrasos,

¹ Primeira Infância, corresponde ao período do nascimento até três anos de idade, segundo PAPALIA, D.E.; WENDKOS,S.O. Desenvolvimento Humano.7.ed.Porto Alegre:2000. Pag 27

quando realizada de forma adequada. Deve-se proporcionar a criança, conforme Cavalheiro e Sapelli (2011), diferentes estímulos para que esta possa desenvolver-se conforme suas habilidades e capacidades a fim atingir os objetivos propostos pela estimulação essencial.

A literatura aponta também que a criança que tem acesso a estimulação essencial desde seus primeiros meses de vida, possui uma base de aprendizagem fortalecida, facilitando o seu desenvolvimento, motor, linguístico, perceptivo, cognitivo e sócio-emocional.

A estimulação essencial é definida como uma técnica terapêutica que pretende abordar, diversos estímulos que podem intervir na maturação da criança, com a finalidade de estimular e facilitar posturas que favoreçam o desenvolvimento motor e cognitivo de crianças com alguma deficiência (RIBEIRO et al, 2007 apud CAVALHEIRO e SAPELLI, 2011 p.1).

O Ministério da Educação – MEC relata que a Estimulação Essencial é um conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos e ambientais incentivadores que são destinados a propiciar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo (MEC, 1995).

As crianças com Síndrome de Down fazem parte desse contexto, necessitando de um atendimento direcionado que deve ser realizado por profissionais da área, como também de orientação à família. A Estimulação Essencial tem finalidade principal na criança com Síndrome de Down inseri-la, em um primeiro momento, dentro do contexto familiar, para que assim esteja preparada para inclusão social.

O espaço da Educação Infantil se apresenta de extrema importância para estimulação e desenvolvimento da linguagem não verbal nas crianças com síndrome de Down, sendo um local de interação com os pares, adultos, de estímulos com brincadeiras, utilização de diversos materiais, brinquedos, trabalhos com música, criação e contação de histórias, estimulando e assim e potencializando o desenvolvimento da linguagem.

3. METODOLOGIA

Para este Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada uma pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2001, p 22.)

Também se coloca como uma pesquisa bibliográfica, tendo a literatura da área como fonte principal de dados.

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades. (CHIARA, KAIMEN, et al., 2008).

Foi realizada uma busca e análise dos dados coletados na literatura, em livro, artigos, referencias que envolvam a Estimulação Essencial, a linguagem não verbal nas crianças com Síndrome de Down na primeira infância.

4.RESULTADOS

Os dados encontrados no desenvolvimento desta pesquisa mostraram que a estimulação da linguagem não verbal, pode vir a contribuir para aquisição da fala em crianças com síndrome de Down, funcionando como um suporte e evolução positiva neste processo.

As pesquisas e publicações sobre a relação da linguagem verbal e não verbal tornam-se importantes, principalmente para nós educadores que atuamos com crianças pequenas e no processo inicial de aquisição da linguagem.

Na prática pedagógica, nem sempre há conhecimento suficiente sobre a estimulação da linguagem para todas as crianças. Para aquelas que apresentam algum tipo de dificuldade ou atraso os questionamentos são comuns quanto estimular ou não a comunicação não verbal para “forçar” a fala.

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é uma das barreiras a ser enfrentada pelas crianças com Síndrome de Down, o desenvolvimento da fala assim com todo processo de comunicação depende de vários fatores orgânicos, ambientais e psicológicos, que se apresentam desde os primeiros anos de vida.

Espera-se que os resultados possam contribuir com conhecimentos para a prática de ensino com crianças na Educação Infantil e aperfeiçoamento da área da Educação Especial.

6. REFERÊNCIAS

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. Português: linguagens/literatura, gramática e redação. 2.ed. São Paulo: Atual. 2004.

BEE,H. A criança em Desenvolvimento.7.ed. Porto Alegre:1996.

BRASIL.MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA(MEC/CNE/CEB).Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.resoluçãocne/ceb 5/2009.fixa as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Diário Oficial da União,Brasília, DF, Seção 1,p.18,18 de dezembro de 2009.

CAVALHEIRO,E.S.SAPELLI,K.S.Estimulação Essencial no trabalho junto a crianças com Síndrome de Down.IN: Congresso nacional de Psicologia.UEM,2001.

LEIDSON, I.B.L.; CAHINO,I.D.;CARVALHO,M. Desenvolvimento da linguagem na Síndrome de Down: análise da literatura. São Paulo, v. 29, n. 2, junho, 2017.Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/2861>. Acesso em 5 jun.2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINETTO, Maria de Fátima Joaquim e BERMUDEZ, Beatriz Elizabeth Bagatin Veleda; Síndrome de Down práticas em saúde e educação baseadas em evidências, acompanhamento Interdisciplinar, 2 Ed. 2018

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação infantil, 2010.

PAPALIA, D.E.; WENDKOS,S.O. Desenvolvimento Humano.7.ed.Porto Alegre:2000.

PIAZZI,M.S.;GIACHETI,C.M.;MORETTI,D.F. Linguagem Narrativa e Fluência na Síndrome de Down: Uma revisão

SALOMÃO, J.S. Síndrome de Down. 2.ed.São Paulo:2003.Movimento Down. Síndrome de Down: estimulação e desenvolvimento da fala e linguagem. Sem data. www.projetodown.org.br/cartilha06.doc (acesso em 15 de junho de 2018)

GLOSSÁRIO

Conceito elaborados por PAPALIA, 2001:

CHORAR – é o único modo de comunicação do recém-nascido, as diferentes alturas e padrões e intensidades ajudam a distinguir se o bebe está com dor, com fome ou zanga.

ARRULHIAR- Entre seis semanas e três meses, os bebês começam a fazer sons quando estão felizes, o arrulhar inclui emitir gritinhos, gorgolejos e sons de vogais como “ahh. Em torno dos três meses, os bebes começam a brincar com os sons da fala, imitando os sons das pessoas ao seu redor (Bates, O’Connel& Shore, 1987).

BALBUCIAR- Ocorre repentinamente entre os seis e os dez meses de idade e se dá pela repetição de sequência de consoantes e vogais como “mama”, e é muitas vezes confundido com as primeiras palavras do bebê. O balbucio não é linguagem real, uma vez que não tem significado para o bebê, porém torna-se mais semelhante a palavras.

IMITAÇÃO ACIDENTAL DOS SONS DA FALA- Em torno dos nove a dez meses, os bebes deliberadamente imitam os sons sem compreendê-los. Uma vez que tenham um repertório de sons, eles os sequenciam em padrões que soam como linguagem mas parecem não ter significado (Eisenson, Auer&Irwiin,1963;1967)”. Nesta fase que apresenta-se rica em expressão emocional, as crianças também se desenvolvem na capacidade de reconhecer e compreender sons da fala e usar gestos os como significado.